

35º Encontro Anual da Anpocs

Grupo de Trabalho: GT06 - Desigualdade e estratificação social

Título do Trabalho: Música e estratificação social: processos de hierarquização social no consumo de bens musicais

Autora: Carolina Vicente Ferreira Lima (UnB);

Co-autores: Bruno Gontyjo do Couto (UnB);

Paula Rincón Afonso Costa (UnB).

Música e estratificação: análise dos processos de hierarquização social figurados no consumo musical

Carolina Vicente Ferreira Lima (UnB)

Bruno Gontyjo do Couto (UnB)

Paula Rincón Afonso Costa (UnB)

Resumo: O principal objetivo da presente pesquisa foi analisar em que medida o consumo de bens culturais pode ser compreendido sociologicamente a partir de uma abordagem baseada no tema da estratificação social. Mais especificamente, a pergunta que pretendíamos responder era: em que medida o acesso e fruição de bens culturais expressa os processos de estratificação social que se desdobram em um dado contexto social? Para responder a esta pergunta, tomamos como referencial teórico-metodológico o modelo sistematizado por Pierre Bourdieu em "A Distinção", o que nos permitiu traçar alguns recortes analíticos. Ao fim da pesquisa, chegamos à seguinte conclusão: o consumo de bens musicais configura-se como um importante fator de instauração simbólica e material da desigualdade engendrada pelas condições de existência das classes sociais, evidenciando um processo de estratificação.

Introdução

O principal objetivo da presente pesquisa foi apreender, inspirado no modelo teórico-analítico de Bourdieu, como o acesso e, mais propriamente, o consumo de bens culturais relacionados à música pode ser estudado à luz do problema da estratificação social.

Para tanto foram realizadas uma série de entrevistas com jovens do Distrito Federal entre setembro e novembro de 2009, com o intuito de perceber diferenças de gosto e acesso à música dos entrevistados.

A coleta de dados foi realizada majoritariamente em escolas públicas e privadas, com vistas a obter acesso a diversificados perfis sociais, culturais e econômicos, que permitissem explorar as mais variadas questões ligadas ao problema da estratificação social no que diz respeito ao consumo de bens culturais. Os estudantes escolhidos para a amostra tinham entre 15 e 17 anos e cursavam o Ensino Médio.

A questão que guiou a pesquisa foi: qual a relação entre o acesso e o consumo de bens culturais associados à música e as diferenças e semelhanças relacionadas à estratificação social entre os jovens estudantes do ensino médio do Distrito Federal?

A partir desta questão central, delineou-se uma série de objetivos específicos que nortearam tanto o desenvolvimento da pesquisa como o processo de análise dos resultados:

a) caracterizar os grupos entrevistados por critérios de estratificação desenvolvidos a partir do modelo teórico-analítico de Bourdieu, como: capital cultural, capital econômico e trajetória familiar;

b) entender as especificidades de cada 'grupo de estratificação' no que diz respeito ao universo da música, tendo como foco o problema do acesso e do consumo de bens musicais;

c) problematizar os dois objetivos anteriores a partir do modelo teórico-analítico adotado, tendo como referência algumas questões centrais como: modalidades de percepção e apreciação dos bens musicais, o problema do gosto legítimo, consumo como forma de distinção e instauração da desigualdade, etc.

Por fim, e de maneira complementar, procuramos apresentar alguns estudos recentes que apontam para o ecletismo nos gostos de diferentes grupos sociais. Dessa

forma, pode-se problematizar o próprio modelo de Bourdieu, apontando para outras formas de relações entre as manifestações de preferências e os diferentes grupos sociais.

Referencial teórico-analítico: o conceito de classe e o modelo construtivista de Pierre Bourdieu

O referencial teórico-analítico utilizado neste trabalho foi basicamente o modelo de Pierre Bourdieu, elaborado recursivamente pelo autor ao longo de sua carreira. Pode-se dizer que o esboço do referido modelo foi inicialmente apresentado por Pierre Bourdieu nos seus estudos sobre a “sociedade Cabila” na Argélia (Bourdieu, 1979), tendo sido aprimorado durante os trabalhos posteriores, mas ganhando seu acabamento mais sistemático somente em 1979, no livro “A Distinção” (Bourdieu, 2008).

No seu modelo, Bourdieu propõe, levando em conta as dificuldades e particularidades encontradas durante seus estudos sobre a “sociedade Cabila”, que o entendimento sociológico acerca das sociedades modernas – onde o Estado nacional e o mercado capitalista passam a ocupar a posição central - deve lançar mão da idéia de “classe” como categoria fundamental para a compreensão deste novo arranjo inter-societário que vem sendo formado desde o século XIX.

Para isto, Bourdieu busca na obra de Marx, mas, sobretudo, na obra de Weber, a inspiração para a construção da categoria sociológica de “classe”. Mais especificamente, Bourdieu toma de empréstimo a idéia desenvolvida por Marx (Marx, 2007) de que a sistemática de reprodução da vida humana está diretamente remetida ao problema da escassez dos bens materiais e da posse dos meios de produção que permitem “superá-la”, e que esta posse por alguns, em detrimento do simultâneo “desapossamento de outrem”, é a principal causa da estratificação social em classes e da respectiva desigualdade entre estas.

Contudo, Bourdieu toma de Weber (Weber, 2004) a idéia de que a posse dos meios de produção não define de forma exclusiva os processos de dominação, e que o problema sócio-histórico do prestígio aponta para a questão de quais são os indivíduos autorizados ao uso destes bens e, principalmente, de que maneira os usos dos bens por determinados indivíduos traduzem simbolicamente a condição de privilégio das classes em que se encontram. Nesse sentido, pode-se dizer resumidamente que, a partir de Marx

e Weber, Bourdieu propõe uma idéia de classe como uma ordem simbólica que define a nomeação da posição e da situação na distribuição de recursos.

Podemos destrinchar melhor o modelo de Bourdieu começando por um momento analítico durante “*A Distinção*” (Bourdieu, 2008) em que o autor aponta para o processo de ordenação (classificação objetiva) de 'grupos' relativamente homogêneos de 'condições de existência' (classes de condicionamento) numa determinada estrutura social.

Segundo Bourdieu, esta “estrutura de condições de existência” é determinante na dinâmica social, pois o posicionamento de cada agente nesta estrutura (ao vinculá-lo a uma determinada classe de condicionamento) é o princípio constitutivo, o fator estruturante, de disposições específicas para agir e pensar de determinada maneira desse agente, fundando o sentido de orientação social de cada um.

Mais especificamente, a posição do agente nesta estrutura social condiciona o seu “sistema de esquemas geradores de práticas”, o seu *habitus*: uma espécie de “operador prático” incorporado que determina sistematicamente as “preferências” de cada agente em engendrar práticas específicas, condicionando toda a forma de apropriação e realização das práticas em um dado universo social.

Cada conjunto de práticas específicas engendradas a partir de um “tipo” de *habitus* – vinculado a uma específica “classe de condicionamento” hierarquicamente posicionada na estrutura social – compõe, por sua vez, um “estilo de vida”, um “sistema de práticas socialmente classificadas”, como colocado pelo autor:

“... portanto construir a classe objetiva, como conjunto de agentes situados em condições homogêneas de existência, impondo condicionamentos homogêneos e produzindo sistemas de disposições homogêneas, próprias a engendrar práticas semelhantes, além de possuírem um conjunto de propriedades comuns, propriedades objetivadas, às vezes, garantidas juridicamente – por exemplo, a posse de bens ou poderes – ou incorporadas, tais como os *habitus* de classe – e, em particular, os sistemas de esquemas classificatórios.” (BOURDIEU, 2008, p. 97)

Segundo Bourdieu, a própria trama social marcada pelas diferenças e semelhanças nas disposições e preferências por engendrar esta ou aquela prática em detrimento de outra e, nesse sentido, marcada por diferenças e semelhanças entre os conjuntos de práticas remetidos a cada classe social, instaura, por conseguinte, um processo de classificação social das práticas baseado na definição e reconhecimento

sócio-histórico destas diferenças e semelhanças.

Assim, a partir desta disputa classificatória socialmente condicionada que ordena as práticas específicas que compõe cada estilo de vida, as classes se vêm dispostas em uma determinada hierarquia da estrutura social que é a equivalente simbólica da hierarquia de condições de existência. Bourdieu denomina esta estrutura “simbolicamente mediatizada” como espaço social.

Nesse sentido, ao estar disposta no espaço social, toda classe está “intrinsecamente” relacionada com as demais numa trama de classificação (e “desclassificação”) das práticas. Esta relação classificatória que se estabelece acaba por engendrar um espaço de intensa disputa pelo controle dos meios materiais e simbólicos de dominação, que em última instância, é a própria capacidade de estabelecer a “classificação”, a capacidade de apreender, apropriar, e fazer uso, através de meios materiais e simbólicos, dos critérios de julgamento que ordenam as práticas e os próprios agentes em hierarquias, e, assim, através desta capacidade, posicionar-se, deslocar-se ou mesmo fundar posições “melhor” classificadas na hierarquia social. Ou seja, distinguir-se dos demais, recriar os princípios da própria desigualdade, e assim, (re)instaurá-la.

Bourdieu designa o conjunto de práticas sociais que estão situadas no topo da hierarquia social como o “gosto legítimo”, o gosto socialmente referendado pela luta entre classes como o que há de melhor nas práticas sociais. Gosto este que está historicamente remetido no desenvolvimento histórico do Ocidente à chamada cultura erudita.

É importante ressaltar que estes critérios de classificação são instaurados através do próprio desenvolvimento histórico desta luta. Não há um ponto de partida definido ou definitivo, não há um ponto “original” da classificação e, logo, da desigualdade. Através de um processo histórico de disputa entre as classes, estes critérios de classificação e desclassificação vão sendo recursivamente reestruturados, reordenando objetivamente as práticas e os estilos de vida, e logo, re-allocando as próprias classes em uma determinada hierarquia da estrutura social, e, nesse sentido, refundando a desigualdade e a própria disputa.

Por fim, Bourdieu argumenta que a partir deste processo de disputa e reestruturação recursiva de critérios de classificação das práticas e agentes dentro do espaço social, vão sendo fundados determinados “universos de possibilidades” de orientação e realização das práticas (logo, do *habitus*) baseados em determinadas crenças

fundamentais, ou melhor, critérios de classificação específicos, que Bourdieu vai designar como *campos*.

Os *campos* são fundamentais para o modelo apresentado, pois eles são a transfiguração onde os modos de orientação e realização das práticas se ordenam em *locus* específicos dentro da vida cotidiana.

Recursos metodológicos e técnicos utilizados

A apropriação do modelo e respectivas proposições teóricas de Bourdieu se deu pela eleição de algumas idéias e argumentos centrais que nos ajudaram tanto no desenvolvimento do processo de pesquisa em si, como no desenvolvimento da análise final e na produção dos resultados:

i) Eleição de determinados princípios teóricos para a elaboração reflexiva de critérios analíticos que permitissem a divisão dos entrevistados por “grupos de estratificação”. Isto possibilitou a construção de um artefato teórico equivalente à idéia de classe social, que pudesse determinar a posição de classe da própria família vista como um conjunto (nunca do próprio agente, por conta da sua dependência à família), pautando-se principalmente nos conceitos de “capital econômico”, “capital cultural”. Assim, foram definidos três grandes grupos a partir destes critérios:

1. grupo A: elevados índices de capital econômico e cultural,
2. grupo B: índices 'médios' de capital econômico e cultural,
3. grupo C: baixos índices de capital econômico e cultural.

ii) Utilização do esquema conceitual '*habitus-estilos de vida*' na elaboração do roteiro de entrevistas e, principalmente, nas análises dos resultados obtidos; o que possibilitou o desenvolvimento de uma análise dos processos de consumo da música a partir das idéias de “percepção”, “apropriação” e “apreciação” do gosto legítimo e demais modalidades de gosto, relacionando estes processos com cada grupo de estratificação, anteriormente, definido;

iii) Problematização dos resultados obtidos a partir do tema da desigualdade (pautado nas idéias de distinção e raridade), estimulando um processo de reflexão sobre as proximidades e distanciamentos entre os grupos de estratificação a partir de seus respectivos processos de consumo da música. Tal procedimento também permitiu confrontar o tema com a importante questão do processo de homogeneização dos gostos a partir do processo de mercantilização da cultura (indústria cultural e meios de comunicação em massa).

Com relação às questões técnicas de amostragem e coleta de dados, optamos por realizar nossa pesquisa com jovens que estavam cursando o Ensino Médio, de idades entre 15 e 17 anos, estudantes de escolas públicas e particulares localizadas no Plano Piloto (“centro”) de Brasília.

As entrevistas foram realizadas no espaço das próprias escolas a partir de um roteiro estabelecido, ou seja, se caracterizaram por uma estruturação prévia, que estava dividida em torno de dois grandes blocos de perguntas. O primeiro bloco de questões foi elaborado com o objetivo de traçar os perfis socioeconômicos e culturais dos entrevistados, e as trajetórias familiares. Já o segundo bloco visava apreender a relação dos entrevistados com o mundo da música no que diz respeito ao acesso (tipos de bens e mídias) e consumo (conhecimento e articulação de gêneros musicais, participação em eventos, conhecimento formal sobre música, etc).

Ao todo foram entrevistados 21 alunos, sendo 13 alunos matriculados na Rede Pública de Ensino, e 8 alunos matriculados na Rede Particular de Ensino. As escolas onde foram realizadas as entrevistas (o Centro de Ensino da Asa Norte – CEAN, para as entrevistas em escolas da rede de Ensino Público; e o Colégio Marista e o Centro Educacional Sigma enquanto espaços para a realização das entrevistas em escolas da Rede Particular), foram selecionadas tanto por sua localização, no Plano Piloto (região central de Brasília), quanto pelo fato de serem considerados centros de referência entre as instituições educacionais devido à qualidade do ensino oferecido.

Pelos resultados das entrevistas, foi possível delinear três grupos principais de estratificação, que serão aqui designados como A, B e C. Esses grupos foram delimitados segundo: a) a ocupação dos pais dos entrevistados e a posse de capital econômico da família, e; b) a posse de capital cultural da família e seus usos (entre todos os membros). Neste último quesito, levamos em consideração tanto a trajetória escolar dos pais dos

entrevistados, quanto as facilidades e familiaridades na “apropriação” e “apreciação” de bens musicais por parte dos jovens e de sua família.

A razão de os alunos serem categorizados em três grupos, apesar de o eixo dicotômico original ser escola pública – escola privada, deve-se ao fato de a escola pública apresentar dois grupos de alunos muito distintos, grupos B e C. Os alunos do grupo B apresentam uma situação econômica intermediária entre A e C. A situação econômica do grupo B permite que seus membros se aproximem das formas de consumo do grupo A, porém a apreciação dos bens musicais é, ainda, nitidamente distinguível. Tal discussão será ampliada mais adiante. Assim, os grupos referidos foram caracterizados da seguinte forma:

Grupo A:

- Principais ocupações dos pais: servidores públicos federais e profissionais liberais;
- Capital Econômico: renda familiar a partir de R\$ 15.000,00;
- Escolaridade dos pais: ensino superior.

Grupo B:

- Principais ocupações dos pais: distribuição heterogênea;
- Capital Econômico: renda familiar entre R\$ 3.000,00 e R\$ 10.000,00;
- Escolaridade dos pais: ensino superior e ensino médio.

Grupo C:

- Principais ocupações dos pais: autônomos;
- Capital Econômico: renda familiar até R\$ 2.000,00;
- Escolaridade dos pais: até ensino fundamental.

Práticas de consumo cultural nos grupos estudados: o problema do acesso e uso dos bens musicais

Nesta seção pretende-se analisar as inúmeras e distintas práticas de consumo de bens culturais em cada grupo de estratificação, mais especificamente no que diz respeito

às mídias utilizadas por estes jovens para ouvir música e à frequência de participação em eventos musicais. Assim, poderemos dar conta de quais os meios de acesso e respectivos usos diferenciados de bens musicais existentes em cada grupo.

Quando perguntados sobre qual o meio empregado para ouvir música, os jovens do grupo A emitiram respostas bastante heterogêneas, especificando uma grande quantidade de meios, especialmente, o computador e o IPOD. Vale ressaltar aqui a importância da internet como recurso utilizado para que estes jovens baixem as músicas que serão, posteriormente, transferidas para o IPOD. No grupo B os jovens utilizam além do termo IPOD, as palavras MP3 e MP4 para designar os aparelhos utilizados por eles na reprodução de arquivos de áudio, não especificando marcas. Também é expressiva a quantidade de jovens que utiliza o computador neste grupo. Já dentre os jovens representantes do grupo C, observou-se uma utilização maior de aparelhos como rádio, TV e som.

Mesmo que a maior parte dos jovens, dos três grupos, dizer escutar rádio diariamente, cabe ressaltar aqui que durante as entrevistas muitos jovens do grupo A fizeram a ressalva de que ouvem rádio quando estão no carro, com seus pais. Portanto, fica a dúvida se este acesso ao rádio representa algo que é agradável ao jovem ou se é apenas uma imposição.

Outro aspecto que merece destaque é que algumas categorias são lembradas por indivíduos de grupos diferentes. Assim, no grupo A foi citado com exclusividade o Vinil; no grupo B apareceram as denominações MP3 e MP4, em contraposição a especificação de IPODs do grupo A; e no grupo C utilizou-se a categoria Som.

Neste quesito, verifica-se que o grupo A estabelece mais um tipo específico de distinção, que consiste basicamente na utilização unânime de uma marca de aparelho Mp3 (Apple) que implica quase que necessariamente na posse de um computador pessoal, revelando uma condição econômica mais abastada. Assim, pode-se dizer que ao aliar um capital econômico elevado e um esquema de percepção refinado pelo também elevado capital cultural (gosto legítimo), este grupo potencializa a sua marca distintiva.

No caso do grupo C, no outro extremo da hierarquia social, verifica-se que o rádio e a TV assumem um papel preponderante como meios de consumo dos bens musicais. Nesse sentido, pode-se dizer que as suas possibilidades de consumo ainda estão, de certa forma, limitadas às determinações dos meios de comunicação em massa.

Outra questão por nós proposta, e que provocou uma série manifestações por

parte dos entrevistados, que não se limitaram a emitir respostas objetivas, perguntava sobre o consumo de CDs e DVDs de música. Nesse momento da entrevista, ficou evidente uma grande diferença entre os grupos. Enquanto no grupo A prevaleceu o consumo de CDs e DVDs originais, no grupo B observou-se uma maior frequência de jovens que alegaram gravar CDs e DVDs em casa e entre os jovens do grupo C, todos afirmaram consumir CDs “piratas”. Um importante aspecto a ser ressaltado é que alguns jovens do grupo A afirmaram não utilizar CDs piratas por valores morais, um deles afirmou que apenas consome “CDs originais por motivos éticos”. No geral, este consumo entre os jovens dos grupos B e C é justificado não como uma opção, e sim, como a única possibilidade devido a suas condições econômicas que não lhes permitem ter acesso aos altos valores de venda dos produtos originais.

No que diz respeito à relação de cada grupo com o tema da “pirataria”, pode-se observar o comportamento “ético” do grupo A no que diz respeito ao consumo de bens musicais como um importante traço de distinção. Como coloca Bourdieu:

“... vendo aí apenas um efeito direto da relação entre o custo econômico e os meios econômicos – implica o risco de esquecer que, através do valor que alguém aceita pagar para ter acesso à uma obra de arte ou, mais precisamente, através da relação entre o custo material e o ganho “cultural” visado, exprime-se a verdadeira representação elaborado por cada fração a respeito do que constituiu... o valor da obra de arte e da maneira legítima de sua apropriação.” (BOURDIEU, 2008, p. 250).

Assim, a disposição do grupo A por pagar pelos meios legítimos de se consumir música não o distingue dos demais grupos apenas por conta de sua condição econômica abastada, mas principalmente por conta da sua disposição a pagar mais caro tendo em vista o ganho simbólico desta apropriação por meios “legítimos”.

No que tange à Internet como modalidade de acesso a bens culturais, o mais interessante é refletir sobre os diferenciados usos que são feitos. Apesar desta ferramenta ser considerada por muitos como um meio de democratização do conhecimento e, em alguma medida, dos próprios bens culturais, ficou evidente a partir das respostas obtidas que apesar da sua profusão em todos os grupos de estratificação, as possibilidades de uso encontradas em cada grupo são bastante diferenciadas, o que caracteriza esta suposta ferramenta de democratização como mais um mecanismo de distinção.

Constatou-se, a partir da análise das formas de utilização da Internet, que há uma proximidade entre as formas assinaladas pelos grupos A e B – sendo estas mais

complexas que as do grupo C. Mesmo que quase todos os entrevistados tenham acesso à Internet (exceto um jovem do grupo C), e este acesso seja realizado no geral em suas casas, a frequência dos acessos e a forma como os jovens utilizam este meio são variados. Neste sentido, a totalidade dos jovens do grupo A e grande parte daqueles do grupo B utilizam diariamente a Internet. Quanto aos meios mais acessados para ter contato com a música, estes são o *YouTube* e programas específicos para baixar música. Já os jovens do grupo C demonstram acessar a Internet com uma frequência menor, de aproximadamente três vezes por semana ou aos fins de semana. Estes também costumam visitar o *YouTube*. Os grupos A e B ainda fazem uso de programas de download, softwares de mp3, sites especializados em música, enquanto o grupo C apresenta um uso limitado ao popular site de vídeos, o *YouTube* (diga-se de passagem, não é um site especializado em música). Além disso, a possibilidade e disposição para acessar esta ferramenta é bem mais limitada no grupo C, o que revela as fragilidades de se pensar a Internet como um meio de democratização do acesso a bens culturais.

A utilização da televisão para ouvir música é também comum aos grupos. Porém, é interessante o fato de os jovens dos grupos A e B costumarem assistir canais musicais disponíveis na TV a cabo. Por outro lado, os entrevistados do grupo C citam apenas canais musicais da TV aberta. O mais importante do consumo da TV a cabo não é a questão econômica, mas principalmente o aspecto da variedade cultural disponibilizada pelos canais fechados que vai muito além dos canais abertos. Nesse sentido, os grupos A e B ao deterem estas mídias específicas, dispõem de uma oferta bem mais diversificada – e mesmo refinada –, de conteúdos culturais (tais como programas científicos, historiográficos, de filmes, etc), possibilitando a apropriação de um capital cultural objetivado muito maior.

Finalmente, a estratificação social pôde ser verificada no envolvimento dos jovens com eventos musicais. Enquanto a grande maioria dos entrevistados dos grupos A e B costumam ir a este tipo de evento, principalmente a shows pagos, com uma frequência quinzenal, gastando de R\$30,00 a R\$200,00 por show; os jovens do grupo C relataram não frequentar estes eventos. Mais uma vez a distância entre os grupos revela-se marcante, afinal, ao disporem deste tipo específico de bem cultural, que é um dos mais distintivos (pois envolve o consumo fora do domicílio e o contato direto com a produção musical), os grupos A e B se envolvem de uma maneira privilegiada com o universo da música, enquanto o grupo C encontra uma série de limitações.

Relação dos grupos de estratificação com o “gosto legítimo”

Neste segundo momento, depois de analisar as diferenças e semelhanças existentes entre os grupos estudados no que diz respeito ao problema dos meios de acesso aos bens culturais e seus respectivos usos, podemos iniciar uma análise mais apurada das diferenças e semelhanças encontradas no que tange às modalidades de gosto – disposições específicas para apreciação, classificação e apropriação dos bens simbólicos - remetidas a cada grupo estudado.

Optamos por orientar esta etapa de análise pela descrição do grupo A, o qual poderíamos designar como o grupo “dominante”, afinal, pelo que pudemos notar até agora, este grupo apresenta-se como o grupo da posse e do prestígio, e assim, possibilitaria uma discussão mais apurada dos temas apresentados no modelo teórico-analítico, principalmente no que diz respeito ao tema da desigualdade, pensada a partir da raridade e da distinção.

Faz-se interessante retomar que os jovens do grupo designado como A apresentavam as seguintes características: famílias com renda acima de R\$15.000,00, filhos de profissionais liberais e/ou servidores públicos federais, e filhos de pais que possuíam ensino superior completo como escolaridade mínima.

Como dito anteriormente, uma das características que marca este grupo é o seu envolvimento diferenciado com o universo musical no que diz respeito à frequência de participação em eventos musicais. Trata-se de eventos muito específicos (shows de bandas independentes, apresentações de escolas de música, etc), em locais que gozam de reconhecimento e prestígio cultural (escolas de música, museus, universidades, centros culturais). É interessante ressaltar que os/as entrevistados/as deste grupo alegaram ir a estes eventos levados por seus pais, ou seja, estabelece-se nestes momentos um processo de transmissão de capital cultural entre as gerações. Esta disposição para o consumo não-comercial de bens culturais, em espaços que são socialmente reconhecidos como espaços do próprio gosto “legítimo”, revela uma disposição de apropriação e realização de práticas culturais extremamente distintiva, posicionada no topo da “hierarquia dos gostos”, e que, assim, instaura um importante índice de raridade em favor deste grupo.

Entre os entrevistados do grupo B, muitos também freqüentavam eventos musicais. Contudo, esta frequência era pautada por intervalos de tempo bem maiores (freqüentavam cerca de 2 ou 3 eventos por ano), além de tratarem-se de eventos de

caráter mais comercial, com conjuntos musicais “midiáticos” ou “populares”. Já no grupo C, todos os entrevistados declararam não freqüentar atividades deste tipo.

A segunda característica que revela a particularidade do grupo “A” é a de que, dentre os entrevistados aí inscritos, 80% apresentaram algum tipo de educação musical formal. Frequentaram aulas que ensinam a tocar algum instrumento ou mesmo aulas de teoria musical. No grupo B, uma pequena parcela sabia tocar algum tipo de instrumento “popular”, mas sem nenhum tipo de educação musical formal. Já no grupo C, nenhum dos entrevistados revelou qualquer tipo de experiência nesse sentido.

Pode-se dizer que o conhecimento formal da música é um elemento extremamente importante na dinâmica da classificação e apropriação do gosto legítimo, pois ele fornece as ferramentas teóricas e técnicas para que estes jovens possam “refinar” os seus esquemas de percepção e apropriação dos bens culturais, consolidando um consumo distinto e distintivo que os distancia daqueles que não possuem este conhecimento.

Contudo, a característica do grupo “A” que mais chamou a nossa atenção durante as entrevistas realizadas foi o aparecimento de combinações de gêneros musicais que se revelaram exclusivas ao grupo, e que podem ser caracterizadas como socialmente raras, pois portavam estilos musicais que são, primeiro, pouco difundidos (não são encontrados com freqüência na mídia, tendo, portanto, um acesso dificultado), e, segundo, estão inscritos no que socialmente designa-se como “cultura erudita” .

Dentre estes gêneros podemos verificar, por exemplo: música orquestrada, *Jazz*, *Acid Jazz*, *Blues*, *Soul*, música cubana, *Ska*, *Indie Rock*, *Heavy Metal*. Outros estilos como, por exemplo, Samba, MPB e Rock Clássico apesar de serem mais conhecidos pela população, e por tanto, por não serem tão distintos, apareceram apenas nas entrevistas do grupo A. Podemos perceber que boa parte dos entrevistados apresentaram classificações elaboradas de gêneros musicais fazendo recortes temporais e de estilos. Como exemplo, pode-se apresentar um entrevistado que faz cinco diferenciações de rock: *Indie Rock*, *Punk Rock*, *Rock Clássico*, *Rock e Ska* (estilo musical derivado do Rock e Reggae). Boa parte dos entrevistados apresentou classificações elaboradas de gêneros musicais, fazendo recortes temporais e de estilos, detalhando muitas de suas características específicas.

As combinações diferenciadas e exclusivas de gêneros encontradas no grupo A revelam uma disposição própria de apropriação e uso (*habitus*) do que podemos

denominar como gosto “legítimo”. Estes gêneros raros e específicos que, de alguma maneira, tanto os jovens, como os seus pais, revelaram conhecer e apreciar estão vinculados a um consumo que, dada a realidade brasileira e do Distrito Federal, representam, ao que tudo indica, uma espécie de índice de raridade do gosto, e, logo, uma forma de distinção. Trata-se de agentes que são capazes de conhecer, reconhecer e de se apropriar da raridade destes bens culturais, e assim, “confirmam” a sua própria raridade, evidenciando um *habitus* e um respectivo *estilo de vida* que são únicos e que figuram no topo da hierarquia social.

Já nos grupos B e C, houve um forte predomínio de gêneros comerciais e “midiáticos”, já que praticamente todos os entrevistados citaram a respectiva combinação: Eletrônica, Sertanejo Universitário e Hip-hop. É importante ressaltar que a citação dos gêneros ditos “comerciais” ou “midiáticos” também ocorreu no grupo A, mas neste caso, não apresentou o caráter predominante que pudemos verificar nos grupos B e C.

Cultura Legítima e Ecletismo

Neste tópico procuramos discutir a respeito da relevância de dois modelos que tentam compreender as práticas culturais. Procuramos problematizar a capacidade explicativa de tais modelos e compará-los.

Um deles trata-se do modelo amplamente difundido pelos estudos de Pierre Bourdieu que dá preferência a uma visão em que o espaço social é visto como unificado e hierarquicamente organizado, existindo uma forte relação entre o pertencimento às camadas sociais mais altas e o desenvolvimento de um gosto cultivado, tido como erudito. Ao mesmo tempo, há uma rejeição, por parte dos membros dessas camadas sociais, aos produtos da cultura e arte popular.

Nesse sentido, haveria um comportamento emulativo por parte de outras camadas sociais, que tentariam imitar os comportamentos e produtos utilizados pelos estratos mais altos. Este modelo difunde a ideia de que o estilo de vida da elite promove uma integração cultural que abrange toda a sociedade, baseada em uma hierarquização dos gostos (preferências manifestadas) representada pela oposição entre culto/inculto e que tal oposição encontra-se internalizada em todos os níveis da estrutura social

(COULANGEON, 2005, p.125).

Entretanto, a partir dos anos noventa, uma série de estudos e pesquisas começam a apontar para o aspecto de que a educação cultivada das camadas mais altas é distinta de outras categorias sociais não apenas pela inclinação a um gosto musical erudito, mas também por um ecletismo de gosto. Em contraste com a apreciação por um gênero exclusivo, o que se pode chamar de fã, encontrado, principalmente, entre as camadas mais baixas, os estudos mostram um fenômeno que foi se acentuando ao longo do tempo: os “snobs”, caracterizados por seu gosto exclusivo pela música erudita (música clássica, ópera, música clássica contemporânea), vinham sendo ultrapassados pelos “onívoros”, que simultaneamente preferiam gêneros musicais situados dentro e fora dos campos da cultura legítima (COULANGEON, 2005, p. 125).

Essa transformação nas atitudes culturais das camadas mais altas, interpretadas generalizadamente como um afrouxamento de fronteiras entre as classes sociais, serviu de apoio para estudos “pós-modernos” que apontavam para o poder da produção simbólica da indústria cultural e a chegada de uma sociedade do lazer que minaria o monopólio da produção de normas estéticas por parte das elites culturais. O declínio de tal monopólio operaria simultaneamente ao surgimento da coexistência entre diferentes escalas de julgamento estético (COULANGEON, 2005, p.126).

A fim de avançar na discussão a respeito da questão cultura legítima vs ecletismo, procuramos nos basear na análise de resultados feita por Philippe Coulangeon apresentada em artigo intitulado *Social Stratification of Musical Tastes: Questioning the Cultural Legitimacy Model* (2005). Neste artigo Coulangeon procura analisar os resultados obtidos a partir da *Enquête sur Pratiques Culturelles des Français*, pesquisa sobre práticas culturais desenvolvida pelo Ministério da Cultura da França no ano de 1997.

As práticas culturais realizadas pelos indivíduos são contrastadas com cinco diferentes variáveis: idade, sexo, ocupação profissional, nível de escolaridade e renda.

Contrastando essas variáveis com as práticas culturais, em especial as que dizem respeito ao gosto musical, chega-se a cinco diferentes perfis.

O primeiro perfil correspondendo a 20% da amostra e está organizado em volta dos gêneros musicais eruditos (música clássica, ópera e música clássica contemporânea), entretanto, ele inclui também o jazz. Esse grupo aponta para um “ecletismo culto”. É formado, principalmente, por membros de classes altas, com mais de quarenta anos, com

alto índice educacional e de renda (COULANGEON, 2005, p.135).

O segundo perfil é o oposto do primeiro, pois neste grupo se faz um uso funcional da música. Ou seja, corresponde a quem apontou ouvir música ambiente, músicas tocadas em filmes, etc. Esse grupo é difícil de interpretar em termos de renda, status sócio-ocupacional e nível educacional, mas apresenta uma forte marca de idade, sendo formado, principalmente por pessoas acima dos sessenta. Corresponde a 13% da amostra (COULANGEON, 2005, p.135).

O terceiro perfil é nitidamente distinto dos outros dois em termos de idade. Aqui as pessoas são, principalmente, abaixo dos vinte e cinco anos de idade. A apreciação musical inclui *rap*, *rock*, *hard rock* e música *pop* internacional. Considerando a idade, este grupo é difícil de caracterizar em termos de status sócio-ocupacional. Ele forma o chamado “ecletismo contra-cultural”. Representa apenas 8% da amostra (COULANGEON, 2005, p.135).

O quarto perfil representa 45% da amostra e é marcado pela citação de apenas um gênero musical, a música *pop*. É formado, principalmente, por pessoas das classes trabalhadoras, “trabalhadores manuais” (COULANGEON, 2005, p.136).

Por fim, o quinto grupo é caracterizado pela ausência de respostas quanto à apreciação de gêneros musicais. Neste perfil chama atenção mais a idade dos respondentes do que as características sócio-ocupacionais e escolares. Ele corresponde a 15% da amostra e é formado predominantemente por pessoas com mais de sessenta anos de idade, indicando uma geração na qual o hábito de escutar músicas gravadas não fazia parte do cotidiano (COULANGEON, 2005, p.136).

Tendo como base a análise desses cinco grupos, Coulangeon chega à conclusão que, na realidade, o que se tem não é nem a preponderância do modelo da cultura legítima, nem a preponderância de um ecletismo que dissolve as barreiras de classe.

Ainda que a distribuição dos gostos apareça significativamente relacionada à origem social, fatores individuais (ser autodidata no aprendizado de algum instrumento, por exemplo) e fatores econômicos parecem prevalecer sobre a socialização primária. As preferências, neste caso, parecem estar mais relacionadas a uma construção ao longo da vida do que ao reflexo de alguma assimilação passiva (COULANGEON, 2005, p.139).

Entretanto, essa mobilidade de gosto que se descola da origem da social não aponta para um total ecletismo. O perímetro que delimita a música culta tem sido redefinido pela indústria cultural ao invés de ser diluído. A “cultura erudita” das classes altas tende a ser

fortemente distinta do “gosto médio”, caracterizado por escutar apenas música *pop*, pois membros das camadas altas são caracterizados por um “ecletismo erudito” que combina o gosto musical culto com o gosto por gêneros musicais situados para além das fronteiras da cultura legítima. Esse “ecletismo culto” comporta as mesmas características do modelo da cultura legítima (COULANGEON, 2005, p.147).

Considerações Finais

Com base no modelo teórico-analítico de Bourdieu, pudemos destrinchar o problema do consumo de bens culturais entre os jovens do DF tendo em vista o tema da desigualdade e da estratificação social, analisando como o consumo destes bens pode ser entendido como um importante fator de (re)instauração material e simbólica da desigualdade “inicial” instaurada pelas condições de existência de cada grupo.

Como foi dito, cada grupo de estratificação apresenta uma disposição própria e socialmente hierarquizada de controlar os meios de apropriação, apreciação e realização das práticas culturais ligadas ao mundo da música, indicando um *habitus* distinto que está, por sua vez, remetido a um estilo de vida específico.

Especialmente no caso do grupo “A”, dito dominante, que ao se relacionar de maneira hábil e habituada com o gosto legítimo revela de antemão uma capacidade exclusiva de lidar com os critérios socialmente reconhecidos de classificação das práticas e, logo, de classificação própria do universo social. Nesse sentido, é o grupo que acaba por dominar, seja economicamente, seja culturalmente, as regras do “jogo da distinção”, e, por conseguinte, acaba por dominar os demais grupos que estão sujeitos a este jogo. É este grupo, e apenas ele, o grupo que opera os princípios de instauração e reinstauração constante da distinção, da diferença, da distância, e logo, da desigualdade social, neste caso, através do consumo de bens culturais.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, P. **O desencantamento do mundo**: estruturas econômicas e estruturas temporais. São Paulo: Perspectiva, 1979.

BOURDIEU, P. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (org). **A sociologia**

de Pierre Bourdieu. São Paulo: Olhos d'Água, 2003.

BOURDIEU, P. **A Distinção: crítica social do julgamento.** Porto Alegre: Zouk, 2008.

COULANGEON, Philippe. Social Stratification of Musical Tastes: Questioning the Cultural Legitimacy Model. **Revue française de sociologie**, 2005/5 Volume 46, p. 123-154. Disponível em < <http://www.cairn.info/revue-francaise-de-sociologie-2005-5-page-123.htm>>. Acesso em: 01 nov. 2010.

MARX, K. & ENGELS, F. **A Ideologia alemã.** São Paulo: Boitempo, 2007.

WEBER, M. **Economia e Sociedade: fundamento da sociologia compreensiva.** Brasília: UNB, 2004.

Anexo

Roteiro para Entrevista

Alunos/as de 15 a 17 anos de idade.

- 1) Idade
- 2) Sexo
- 3) Local de Moradia
- 4) Há quanto tempo mora neste local?
- 5) Onde você morava antes?
- 6) Renda familiar (média)
- 7) Série
- 8) Há quanto tempo você estuda nesta instituição?
- 9) Onde você estudava anteriormente?
- 10) Sobre a mãe:
 - Local de nascimento da mãe
 - Onde ela viveu sua infância e adolescência?
 - Qual o grau de escolaridade de sua mãe?
 - Qual a profissão de sua mãe?
- 11) Sobre o pai:
 - Local de nascimento do pai
 - Onde ele viveu sua infância e adolescência?
 - Qual o grau de escolaridade de seu pai?
 - Qual a profissão de seu pai?
- 12) Sobre relação com a música:
 - Você gosta de música?

- Que gênero de música você costuma ouvir?
- Você toca algum instrumento musical?
- Você produz música (escreve)?
- Você participa de alguma banda?
- Qual o meio que você utiliza para ouvir música?
- Você escuta música por meio de CDs e/ou DVDs? Qual tipo: original, pirata ou gravado em casa?

13) Sobre rádio:

- Você escuta rádio?
- Qual a principal estação?
- Com que frequência você escuta rádio?

14) Sobre internet:

- Você usa a internet para escutar música?
- Como você acessa a internet?
- Com que frequência?
- Como você acessa a música pela internet? (Youtube, programas para baixar arquivos, rádio e TV pela internet, páginas pessoais, etc.)

15) Sobre televisão:

- Você utiliza a televisão para ouvir música?
- Com o que frequência?
- Que canal você costuma assistir para ouvir música?
- Você assiste DVDs musicais?

16) Sobre eventos musicais:

- Você frequenta eventos musicais?
- De que tipo?
- Com que frequência?
- São eventos pagos?
- Quanto você costuma gastar por mês com este tipo de evento?

17) Sobre influência musical dos pais:

- Seus pais costumam ouvir música?
- Que estilo musical eles escutam?
- Como eles têm contato com a música?